

Metalinguagem e ressignificação: o desenho Os Simpsons em três leituras¹

Sandra Reimão²

Jane Marques³

Manuella Reale⁴

Karen Oliveira⁵

Anabella Payaro⁶

Universidade de São Paulo – USP

Resumo

A pesquisa evidencia como um produto cultural pode ser apropriado criticamente e ganhar novos sentidos em diferentes contextos sociais. Este trabalho analisa três produções culturais que, por diferentes caminhos, estimulam reflexões críticas ao mundo administrado. Inicialmente, examina-se como o seriado *Os Simpsons* utiliza a sátira para questionar valores da classe média americana. Em seguida, discute-se a abertura dirigida por Banksy, exibida na 22ª temporada, como denúncia lógica exploratória da indústria cultural global. Por fim, apresenta-se o caso de ressignificação do personagem Bart em um mural escolar no distrito do Jardim Helena, em São Paulo, onde o personagem é retratado como um leitor fascinado.

Palavras-chave

Desenho animado; Leitura; Grafite; Indústria Cultural; Os Simpsons.

Quem assistia televisão entre os anos 1990 e inícios dos anos 2000 deve se lembrar do desenho animado *Os Simpsons* (*The Simpsons*) – seriado satírico protagonizado por uma família norte-americana suburbana de classe média. A família é um tanto disfuncional e os episódios eram repletos de piadas politicamente incorretas e observações bem-humoradas com crítica social e comportamental, destacadamente observações sobre a própria televisão.

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação; Professora Livre-docente da Universidade de São Paulo (USP) na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH); Pesquisadora de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: sandrareimao@usp.br.

³ Doutora em Ciências da Comunicação; Professora Livre-docente da Universidade de São Paulo (USP) na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH). E-mail: janemarq@usp.br.

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação. E-mail: mreale@usp.br.

⁵ Estudante de graduação em Marketing na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: karenoliveira@usp.br.

⁶ Estudante de graduação em Marketing na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ranabellapayaro@usp.br.

O seriado *Os Simpsons* passou na televisão aberta brasileira entre 1991 e 2003 e alcançava enorme sucesso – foi transmitido, em diferentes ocasiões, pela Rede Globo de Televisão, pelo Sistema Brasileiro de Televisão, SBT, e pela Rede Bandeirantes, Band.

A família Simpsons é composta por cinco membros: o pai, Homer, a mãe, Marge, e os filhos Bart, Lisa e Maggie, um bebê. Bart, o filho mais velho, é caracterizado como um garoto de dez anos rebelde, e Lisa como uma menina prodígio de oito anos.

O pai da família, Homer Simpsons, é desatento e descuidado e, em que pese essas características, trabalha como inspetor de segurança na Usina Nuclear de Springfield. A Usina tem o nome da cidade e do Estado em que a família mora.

Bart é um menino rebelde e um aluno de baixo desempenho escolar, mas que parece se divertir, ou ao menos não se incomodar, com isso. Houve mesmo quem utilizasse o termo “síndrome de Bart Simpsons” para falar sobre esta indiferença em relação ao baixo rendimento acadêmico.

Michael F. Shaughnessy em um artigo denominado “Underachievement: The Bart Simpsons Syndrome”, discute o perigo de um ponto de vista psicológico e pedagógico com crianças que parecem não se incomodar com seus fracos desempenhos escolares. Shaughnessy afirma que “O personagem de desenho animado, Bart Simpsons, da Família Simpsons, é um ‘fracassado’ – [mais do que isso] ‘e se orgulha disso, cara!’”. A expressão exata em inglês usada por Shaughnessy é “underachiever”.

Como explicitou Michael F. Shaughnessy falando sobre os perigos do personagem: “A América tem um novo herói. O personagem de *cartoon* Bart Simpson da família Simpsons (...). Há *bottons* e camisetas que orgulhosamente proclamam o fracasso” e a audiência deste programa é composta por “milhões de crianças que são sutilmente influenciadas pelas suas mensagens”. Assim, conclui, o autor, “se eles estavam desmotivados antes do desenho animado, certamente agora eles permanecerão letárgicos” (Shaughnessy, 2010).

O seriado *The Simpsons*, criado por Matt Groening, estreou nos Estados Unidos em 1989 na Rede de Televisão FOX e é uma das séries de televisão mais longevas e de maior sucesso do país – sendo amplamente exportada. A série foi capa da revista *Times* em 1999.

O fato do personagem Bart Simpsons, o “herói” da série, ser malcomportado e ter um baixo desempenho escolar fez com que alguns países, entre eles China e Rússia, colocassem alguns empecilhos na difusão dos episódios por considerarem que poderiam ser maus exemplos para as crianças e os jovens.

Simpsons – Indústria Cultural e metalinguagem

O mesmo deboche com que Bart Simpsons encara seus fracassos escolares e com que a série televisiva aborda a televisão, é o que a série fez em relação a seu sucesso como um produto da indústria cultural globalizada em uma abertura do terceiro episódio da temporada 22.

O fã da animação *Os Simpsons* deve trazer marcado em sua memória afetiva a abertura do seriado. A sequência onde Bart escreve na lousa da escola, Lisa toca sax, Homer trabalha na fábrica, Marge e Maggie fazem compras e, cada um sai correndo atabalhoadamente para ir para casa. Quando todos chegam em casa, eles correm para se sentarem no sofá da sala e assistir televisão – onde está começando a passar um episódio do desenho *Os Simpsons*.

Desde o início da veiculação do seriado, a abertura passou por várias alterações. Em 2010, a produção convidou um dos mais potentes nomes da arte de rua contemporânea, Banksy, para realizar sua versão da abertura. O resultado do convite foi ao ar no terceiro episódio da 22ª temporada, intitulado "MoneyBart", transmitido em 10 de outubro de 2010 (Halliday, 2010).

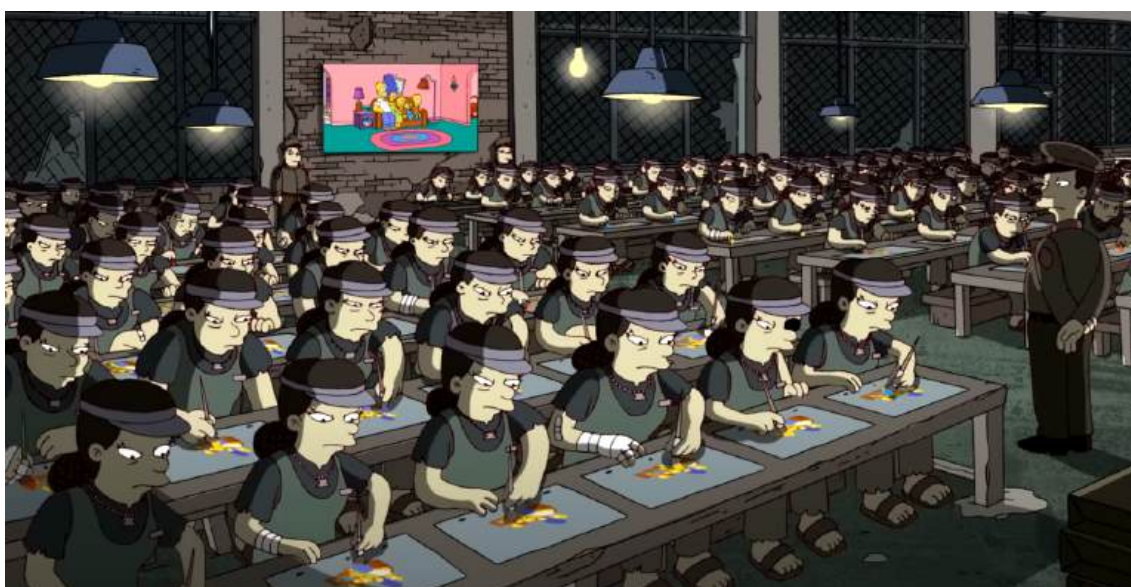
A abertura de Banksy foi comentada por diversos veículos, com elogios à criticidade e à acidez da proposta, e críticas às cenas desconcertantes e incômodas. A polêmica foi tamanha que o jornalista Dave Izkoff, do *NY Times*, entrevistou o *showrunner* do seriado Al Jean a fim de entender como os produtores por trás da série animada da Fox conseguiram levar a provocação de Banksy ao ar (Izkoff, 2010).

No mesmo dia de sua exibição na TV, a obra audiovisual foi publicada no canal do YouTube do artista Banksy. A sequência inicia com alguns elementos diferenciados inseridos em tela. Na primeira cena, quando é visto o logo amarelo “The Simpsons” flutuando nas nuvens e um pássaro preto atravessa a tela, o primeiro elemento diferente

é que esse pássaro carrega um rato — elemento recorrente nos grafites do artista (Banksy, 2010).

Em seguida, sobrevoa-se a cidade de Springfield e é possível ver um outdoor e uma parede pichados com o nome Banksy. A sequência da família voltando para casa é encurtada e logo se vê a família chegar em casa. Quando os Simpsons se sentam no sofá da sala para assistir televisão a trilha sonora, que até então estava como de costume, muda para um tenso dedilhar de harpa. O tom alegre e enérgico costumeiro é tomado por uma música orquestrada lenta e sombria, com tons graves e dissonantes. Então, a estranheza iniciada pela sonoridade é completada por um zoom out que leva a imagem dos Simpsons no sofá para uma tela em uma fábrica de produção de desenho animado em algum país asiático.

Imagem 1: Cena da pintura de celuloides na Abertura dos Simpsons criada por Banksy.



Fonte: Captura de tela do vídeo da abertura. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=DX1iplQQJTo>

O contraste de cores muda significativamente dentro de tal fábrica, agora enxerga-se os trabalhadores coloridos em tons cinzentos e sombrios. Sob o olhar de guardas, o grupo de operárias desenhistas uniformizadas e mal iluminadas trabalha exaustivamente para pintar celuloides de animação para *Os Simpsons*. Os olhos das

trabalhadoras sugerem cansaço mental e exaustão física pela situação trabalhista vivenciada.

Imagem 2: Cena de trabalho infantil na Abertura dos Simpsons criada por Banksy.



Fonte: Captura de tela do vídeo da abertura. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=DX1iplQQJTo>

Uma trabalhadora entrega seu celuloide para uma criança descalça que carrega o item a um tonel contendo um líquido tóxico, onde o cômodo é rodeado pelo líquido, ratos e ossos humanos. A criança submerge a celuloide no líquido com suas próprias mãos e a pendura em um varal com outros desenhos.

Na passagem da câmera para o andar de baixo, observam-se crianças carregando araras com camisetas com o rosto dos personagens. Finalmente no subsolo, dois trabalhadores adultos jogam gatos brancos em triturador para geração do enchimento de bonecos de pelúcia do personagem Bart. Os bonecos são então jogados em um carrinho puxado por um panda exausto cujo corpo é chicoteado por um trabalhador.

A câmera então foca em um funcionário selando caixas marcadas com o logotipo dos Simpsons, para fazer o serviço ele usa a língua de uma cabeça de golfinho decepada. Ao seu lado, um operário utiliza para furar o buraco do DVD dos Simpsons o chifre de um unicórnio acorrentado em estado cadavérico. A sequência encerra com o exterior da fábrica com o logotipo da 20th Century Fox.

A sequência é uma crítica às condições de trabalho e a exploração dos animadores que produzem a série. O seriado é parcialmente produzido na Coreia do Sul, onde a média salarial é três vezes menor do que a estadunidense (Cain, 2010).

Imagem 3: Cena de exploração animal na Abertura dos Simpsons criada por Banksy.



Fonte: Captura de tela do vídeo da abertura. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=DX1iplQQJTo>

É possível relacionar a criação de Banksy com o conceito frankfurtiano de indústria cultural. A noção de indústria cultural, concebida especialmente por Adorno e Horkheimer em meados dos anos 1940, aponta a serialização e padronização da produção cultural. Os autores observam que a cultura passou a ser tratada como mercadoria, em cada setor da produção é uniformizado e voltado para gerar uma cultura de massa visando o lucro econômico.

Neste contexto, a abertura de Banksy vem criticar a forma como a audiência está alienada em relação ao processo de produção da animação. Quando os próprios Simpsons representam o público assistindo passivamente a televisão, é sugerido que tal indústria cultural controla a percepção do público, perpetuando uma cultura de massa homogênea e consumista, desprovida de criticidade. Portanto, a televisão enquanto meio de comunicação de massa atua como ferramenta de manipulação.

A abertura de Banksy mostra como os produtos dos Simpsons (celulóides, camisetas e bonecos) com cores vívidas e saturadas, em contraposição ao ambiente escuro, cinza e insalubre. Bonecos, DVDs e camisetas são produzidos em série, sem individualidade ou criatividade. Tais produtos culturais são voltados para chamar atenção e estimular o consumo. Os signos culturais são transformados em mercadorias para consumo. Não apenas as condições de trabalho são exploradoras, mas também o próprio processo de produção cultural é desumanizado e mecânico.

A sequência de abertura desafia a lógica capitalista e modo de produção fordista baseado na linha de montagem e produção em série. A trilha sonora contribui para a atmosfera pesada, opressiva, triste e angustiante. A cena fabril carrega a crítica às condições precárias de trabalho, a exploração da mão de obra asiática, exploração de mão de obra infantil, exploração animal, e mercantilização da cultura. Ao mostrar as condições desse modo de trabalho, Banksy, em consonância com Adorno, evidencia as desigualdades e o impacto negativo do capitalismo na produção cultural.

Bart Simpson – apropriação e ressignificação

Jardim Helena é um distrito situado no extremo leste da cidade de São Paulo – pertence à subprefeitura de São Miguel Paulista. É um distrito popular com cerca de 135.000 habitantes. Há 14 escolas públicas e 17 escolas particulares no distrito – com cerca de 10.200 alunos matriculados.

No muro da Escola Estadual Heckel Tavares, na Avenida Dr. José Artur Nova, número 2737 no Jardim Helena há várias imagens com o tema do desenho animado *Os Simpsons*. Entre eles há a imagem de Bart Simpsons lendo um livro.

Imagem 4: Bart Simpsons lendo um livro

Local- Escola Estadual Heckel Tavares, Jardim Helena, Zona Leste, São Paulo.



Fonte: fotografado por Karen Ferreira Oliveira, 2024.

A diretora da Escola, em entrevista para nossa pesquisa, relatou que no ano de 2018 a Escola Tavares estava passando por processo de reformas, tanto internas quanto externas. Visando promover uma maior interação dos estudantes com o ambiente escolar, uma coordenadora pedagógica teve a ideia de criar um concurso de desenhos, no qual quatro trabalhos seriam selecionados por meio de uma votação popular.

Ficou estabelecido que os desenhos submetidos ao concurso deveriam seguir algumas regras: não incluir gestos ou palavras obscenas; fazer referência à escola ou ao ambiente escolar e ser de autoria própria do participante.

Um aluno que naquele momento cursava o primeiro ano do ensino médio decidiu realizar uma série de imagens combinando elementos escolares como mochilas, livros, papéis e canetas com os personagens de seu desenho animado favorito - *Os Simpsons*.

O resultado do projeto foi apreciado por toda a comunidade escolar, que decidiu incluir os desenhos do estudante em ambientes internos e externos da escola, promovendo assim um espaço mais acolhedor e divertido para os alunos.

Na imagem que retrata Bart Simpsons pode-se notar, ao fundo, presença de vários “balões de pensamento” ao redor do menino. O menino está com as sobrancelhas arqueadas, enquanto lê o livro – o menino demonstra estar surpreendido positivamente com o livro, estando com um sorriso e os olhos arregalados durante a leitura. Os balões de pensamento sugerem que Bart é contagiado pelo conteúdo do livro, despertando ideias.

Além disso, considerando o perfil do personagem Bart Simpsons no seriado, em que ele se mostra rebelde e como um menino que odeia o estudo, é possível observar que o autor da pintura buscou trazer a ideia de que mesmo os alunos mais “delinquentes” da escola podem desfrutar e se envolver com o ato da leitura. Essa mensagem pode servir como incentivo aos alunos da escola se dediquem ao prazer da leitura.

Segundo a concepção apresentada por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer o termo indústria cultural construído por ele se refere a produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam esse consumo. Esta determinação leva a indústria cultural a reiterar, firmar e reforçar a mentalidade das massas. Por sua assimilação dos desejos da massa, os produtos da indústria cultural são redundantes e coisificados (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 114-156).

Partindo das ideias de Adorno e Horkheimer, em *Teoria da Ação Comunicativa* Jurgen Habermas fará algumas objeções gerais a essas teorias. A primeira objeção que Habermas diz que se pode fazer a essas teorias são “objeções empíricas que esgrimam sempre contra toda supersimplificação”. A segunda objeção de Habermas à noção

frankfurtiana de indústria cultural é que não se pode tratar de forma unívoca todos os meios de comunicação. Teríamos que ver que há meios de comunicação que fazem parte do controle sistêmico, mas, há também, por outro lado, outras “formas generalizadas de comunicação, que permanecem (...) ligadas aos contextos do mundo da vida” (Habermas, 2022, p. 582). É nas brechas que o mundo da vida faz surgir nos meios de comunicação que surgem espaços para reflexões e produções críticas.

Neste texto abordamos três produções culturais que por caminhos diversos buscaram despertar nas pessoas reflexões e sentimentos potencialmente não aderentes ao mundo administrado. O seriado *Os Simpsons* buscava, por meio da sátira e da ironia, denunciar limitações e contradições de valores da classe média norte americana; a sequência de abertura que Banksy criou para o seriado deixa claro o caráter perverso do capitalismo exploratório que produz em grande escala produto atrelados a sucessos mundiais; por fim, um estudante do Ensino Médio na cidade de São Paulo, percebendo o afeto que ele e seus colegas têm pelo personagem Bart Simpsons resolve recriá-lo e representá-lo como um leitor envolvido, bastante distante das características do personagem no seriado original.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2ª ed., 1985.

BANKSY. Simpsons. *Youtube*. Publicado em: 10 de out. de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DX1iplQQJTo>.

CAIN, Geoffrey. South Korean cartoonists cry foul over The Simpsons. *Revista Time*, 2010. Disponível em: <https://time.com/archive/6951278/south-korean-cartoonists-cry-foul-over-the-simpsons/>.

HABERMAS, Jurgen. *Teoria da ação comunicativa*. Volume II. Tradução de: Luiz Repa. São Paulo, Editora Unesp, 2022.

HALLIDAY, Josh. Banksy takes Simpsons into sweatshop. *The Guardian*. Outubro 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2010/oct/11/banksy-the-simpsons-bart>.

ITZKOFF, Dave. ‘The Simpsons’ Explains Its Button-Pushing Banksy Opening. *New York Times blog*, 2010. Disponível em:

<https://artsbeat.blogs.nytimes.com/2010/10/11/the-simpsons-explains-its-button-pushing-banksy-opening>.

SHAUGHNESSY, Michael F. *Underachievement: The Bart Simpsons Syndrome*. Eastern New Mexico University. Portales; New México. 1990. Disponível em: ERIC Institute of Education Sciences (IES) of the U.S. Department of Education. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED324747.pdf>.